

Seção sindical docente da Uenp: a hora é agora!

No dia 24 de abril deste ano de 2024, uma quarta-feira, às 17h, no Auditório PDE do campus de Jacarezinho da Universidade Estadual do Norte do Paraná (Uenp), será realizada a fundamental assembleia de fundação da seção sindical das e dos docentes da universidade, provisoriamente chamada de Aduenp.

Os caminhos que levaram a esse importante passo na organização da categoria docente na Uenp, entretanto, não começaram neste ano, tampouco em 2023, mas foi na greve do ano passado, [a qual resultou na inversão da trajetória de perdas e acúmulo de defasagem salarial](#), que a temática foi retomada e ganhou os contornos atuais.

A seguir, além da trajetória ligada à greve docente de 2023, apresentamos alguns elementos e questões históricas da organização sindical docente, dentro e fora da Uenp, abordando a importância de estar na base do Sindicato Nacional (o Andes), a relação com o Sindiprol/Aduel e, principalmente, o que queremos para a Uenp e quais os desafios para a nossa futura seção sindical, de modo a subsidiar e convocar todas as docentes e todos os docentes dos campi de Bandeirantes, Cornélio Procópio e Jacarezinho da Uenp para a assembleia do dia 24 de abril.

Os trabalhos da Comissão Pró-Aduenp

Fabrcio Jassi (Uenp/Jacarezinho)

Mauro Januário (Uenp/Bandeirantes)



Legenda: Registro da reunião de 29 de fevereiro de 2024, em Jacarezinho
Da esquerda para a direita: Fabrcio Jassi, Mauro Januário e Márcio Carreri

Em assembleia de professoras e professores realizada em [15 de junho de 2023](#), além da deliberação pela suspensão da greve docente na universidade, foram aprovados quatro nomes de docentes da Uenp para comporem o que se intitulou de Comissão Pró-Aduenp, aludindo à criação da seção sindical/associação docente da universidade. A referida comissão é integrada por Fabrcio Jassi, Márcio Carreri, Mauro Januário e Patrícia Oliveira.

Desde o seu início, os membros da comissão entenderam que o ano de 2024 seria oportuno para consolidarmos a ideia de uma representação sindical própria das e dos docentes da Uenp, desmembrando-se do Sindiprol/Aduel, seção sindical do Andes-Sindicato Nacional que, por muitos anos, representou os interesses da categoria de professores da Uenp em conjunto com aqueles da UEL. O papel dessa seção sindical foi muito importante

nesta caminhada conjunta e é amplamente reconhecido por todos os docentes da universidade.

Mas é chegada a hora da nossa universidade ter a sua específica identidade sindical.

Compreendendo o anseio manifesto há muito tempo, pelo conjunto docente da Uenp, de que a ela tinha que caminhar com suas próprias pernas, pois tem características e demandas diferentes da UEL, os trabalhos da Comissão se pautaram em concretizar o desejo dessa separação. Para isto ser possível, foi redigida uma proposta de regimento para a Aduenp – seção sindical do Andes-SN.

Na elaboração dessa proposta, levou-se em conta o estatuto do Sindicato Nacional, ao qual a seção sindical estará integrada. Tendo obtido apoio desde o primeiro momento da [diretoria da Regional Sul do Andes-SN](#), a qual participou, inclusive, de reunião da comissão, a proposta de regimento para a Aduenp está pronta para ser aprovada em assembleia e, assim, as e os docentes da Uenp darão um passo extremamente importante e decisivo neste momento, que já é histórico.

[Confira aqui a proposta de regimento para a Aduenp](#)

[Acesse o estatuto do Andes-SN](#)

Quem está no Andes-SN não está sozinho

Gilberto Calil (1º Vice-presidente da Regional Sul do Andes-SN, professor da Unioeste)

O Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN), constituído em 1981, congrega mais de uma centena de seções sindicais representativas das e dos docentes de universidades federais, estaduais, municipais e distrital, institutos federais e Cefets. O Andes-SN não é uma federação de sindicatos, mas um Sindicato Nacional constituído pela base (tendo por isto uma seção sindical por instituição) e profundamente democrático. Seus posicionamentos não são definidos pela direção nacional, mas em suas instâncias deliberativas: o Congresso Nacional (que congrega delegados eleitos na base) e o Conad (que reúne um delegado por seção sindical). Um exemplo é o projeto do Andes-SN para a universidade brasileira, coletivamente construído nestes mais de 43 anos e sistematizado no “[Caderno 2](#)”.

Além disso, o Andes-SN organiza-se através dos setores (Federais e Estaduais, Municipais e Distrital) e conta com onze grupos de trabalho, que são espaços privilegiados para a elaboração e aprofundamento do debate: Política Educacional; Carreira; Seguridade Social e Assuntos de Aposentadoria; Verbas; Ciência e Tecnologia; Política Agrária, Urbana e Ambiental; Formação Sindical; História do Movimento Docente; Multicampia e Fronteira; Comunicação e Arte; e Política de Classe para as Questões Étnico-Raciais, de Gênero e Diversidade Sexual.

Ser parte de um Sindicato Nacional significa estar fortalecido nas lutas locais, contar com espaços qualificados de elaboração, orientação jurídica, comunicação e apoio político e material em momentos de enfrentamento. Quando uma seção sindical do Andes-SN está em greve, pode-se dizer que todo o Sindicato está em greve e se mobiliza para apoiar cada luta travada, além de colocar à disposição recursos do Fundo Único nacional, destinado a apoiar mobilizações e greves. As novas seções sindicais contam com políticas de apoio,

assim como as com menos de 100 filiados, ou seja, a futura seção sindical da Uenp terá todo o apoio do Sindicato Nacional para sua constituição e organização. Integrar o Andes-SN significa assumir o compromisso de apoiar as importantes lutas travadas pelas seções sindicais em todo o país e ter as suas lutas específicas apoiadas por elas.

[Acesse a cartilha e conheça mais do Andes-Sindicato Nacional](#)

Sindiprol/Aduel e docentes da Uenp, uma longa história

Diretoria do Sindiprol/Aduel

Do antigo Sindiprol (Sindicato dos Professores do Ensino Superior Público Estadual de Londrina e Região) ao Sindiprol/Aduel (Seção Sindical do Andes-SN), as e os docentes da Uenp são representados sindicalmente pela mesma instituição que também representa os docentes da UEL e, por muito tempo, representou os docentes da Unespar-Apucarana. Muitas lutas foram travadas sob a bandeira da mesma entidade sindical. Porém, as diferentes histórias das respectivas universidades – que implicam em configurações institucionais e problemas específicos – dificultam uma representação sindical que contemple adequadamente o espectro de questões que as afetam. Sobre isso, basta pensar nos distintos graus de maturidade da democracia interna e de autonomia administrativa, pois, enquanto a UEL ainda detém alguma, a Uenp nasceu sob a égide do Sistema Meta-4.

Nos últimos anos, às questões mal resolvidas da representação sindical somou-se a exigência de princípio que embasa a atuação do Andes-SN, ao qual o Sindiprol/Aduel aderiu em 2019: “a organização sindical por local de trabalho”. Com isso, por dois Congressos, a base do Sindiprol/Aduel deliberou pela necessidade de, por um lado, transferir a base docente da Unespar-Apucarana para a representação sindical da Sindunespar; de outro, constituir uma seção sindical dos docentes da Uenp, adequando assim as bases das três universidades aos princípios estatutários do Andes-SN.

Pois bem, com a base da [Sindunespar unificada desde 2022](#), eis que chegou a hora dos docentes da Uenp terem a sua própria seção sindical. Portanto, é com satisfação que a diretoria do Sindiprol/Aduel está acompanhando o nascimento dessa seção sindical e, junto com a diretoria do Andes-SN, mais especificamente da diretoria da Regional Sul, tem auxiliado em tudo o que é necessário para que, em breve, a seção sindical da Uenp tenha uma diretoria provisória e, no [próximo Congresso do Andes-SN, a ser realizado em Vitória-ES](#), as e os docentes consolidem a sua saída da base do Sindiprol/Aduel e possam trilhar seus caminhos de luta na

Aduenp. Sempre lembrando que ambas as seções sindicais continuarão irmanadas na luta como parte do Andes-SN e, aqui no Paraná, no Comando Sindical Docente (CSD).

Saudações sindicais

QUO VADIS, Uenp?

João Vicente Hadich Ferreira (Uenp/Cornélio Procópio)

Maria Cristina Cavaleiro (Uenp/Cornélio Procópio)

Nestes tempos pós-pandêmicos, mas não necessariamente tranquilos, a pergunta acima nos remete a uma breve reflexão para pensarmos, como docentes, discentes e todas e todos os demais funcionários da Uenp, para onde vai a universidade. Nesse sentido, é importante não perdermos a memória e, inevitavelmente, olhar para a história com a criticidade que se exige dos tempos sombrios que vivemos.

Considerando que a história da universidade pública no Brasil registra sua luta para preservar a liberdade de organização, pesquisa e transmissão dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento da cultura e soberania do país (Sindiprol/Aduel, 2017), o enfrentamento às sistemáticas restrições e interferências nos diversos aspectos de seu funcionamento, seja pelos aparelhos do Estado e “governantes de plantão”, seja pela introjeção do modelo privatista em suas entranhas, é inevitável repensarmos um pouco essa questão a partir da Uenp.

Implementada a partir de um modelo “novo” de gestão das universidades no Paraná, a Uenp, juntamente com a Unespar, nasce sob os “auspícios” do Sistema Meta-4. A esse respeito, o ataque à autonomia universitária é um dos mais ferozes, frente a uma das conquistas históricas das universidades. Segundo o direito, autonomia indica, de maneira genérica, o poder de autodeterminação, de escolha dos próprios rumos (Ranieri, 2005). Esta capacidade é tão importante para o pleno desempenho de suas funções que é resguardada juridicamente pela Constituição Federal no seu artigo 207, o qual, todavia, tem sido constantemente desrespeitada.

Nesse sentido, um ‘passeio’ pelo percurso de quase duas décadas de existência oficial da Uenp permite conjecturar que a autonomia universitária é inseparável da democracia interna da universidade. Isso o tempo tem demonstrado e também o histórico do movimento sindical na Uenp. Se não são as principais questões de fundo para todas as outras, autonomia universitária e

democratização das relações são indiscutivelmente importantes e inevitáveis, se desejamos pensar uma universidade pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada.

Essas foram as questões que basearam os primeiros enfrentamentos na Uenp e da Uenp, enquanto universidade, a partir da greve de 2015, que, além da campanha salarial e da luta contra o governo do estado, o desmonte proposto dos serviços públicos e o corte de direitos, desembocou na definição de que deveríamos, juntamente com a Unespar, sair do Meta-4. A exigência da autonomia universitária era a sustentação e continua sendo essencial.

Foram praticamente 100 dias de paralisação que fizeram a história da luta contra os desmandos do autoritarismo que já dava suas caras e que, posteriormente, se agravaria no Paraná e no Brasil. É de 2015 o massacre do dia 29 de abril, no Centro Cívico, em que ficaram feridos mais de 200 servidoras públicas e servidores públicos, muitos deles professores como nós, atacados com a “força do Estado”, preconizada pelo aparato militar utilizado pela determinação das forças policiais, legislativas e com a anuência plena do governador. Dos cavalos do 30 de agosto de 1988 aos cassetetes, balas de borracha e bombas lançadas de helicópteros em 2015, a história da barbárie estatal se ampliava e exigia o enfrentamento.

Nesse período, vimos florescer na Uenp um lufar de um novo momento, na potencialidade de se pensar a universidade para além das instâncias administrativas e burocráticas. Primeira greve da universidade, fez sua história e mobilizou grande parte da comunidade universitária, levando-nos ao *debut* no movimento sindical. Um primeiro ensaio de democratização das relações na universidade. Inconcluso.



Legenda: Registro de uma das assembleias da Uenp na greve de 2015

Por isso, novamente, a pergunta se apresenta: *Quo vadis*, Uenp? Apesar daquele rico momento político vivenciado, ainda temos muito para construir na universidade. E, inevitavelmente, como nos explica Walter Benjamin (2012) em suas *Teses sobre o conceito de História*, precisamos romper com o constante estado de exceção a que estamos submetidos. Na “história” capitaneada pelos “vencedores”, prevalece a ideia do progresso e da inovação que, pano de fundo, oculta a barbárie cotidiana que se produz, perpetuando a opressão e o massacre dos oprimidos. Introjeta-se a “história” dos vencedores como se também fora a dos vencidos.

Hoje, a Uenp, e todas as outras universidades basicamente, está submetida ao Meta-4. Acatando a Lei Geral das Universidades (LGU), inconstitucional em sua essência, as universidades do Paraná têm sangrado economicamente, submetidas aos mandos e desmandos do governo do estado, governante após governante, administração após administração, que impõem dificuldades para “vender facilidades”. Seja pela administração dos recursos, seja pela política de precarização do trabalho docente (marcada pelo aumento expressivo do número de contratados em regime especial, os Cres) e dos agentes universitários, entre outras vilanias.

Diante de um sempre contínuo ataque à autonomia das universidades, pautado num modelo autoritário de gestão do governo, rapidamente replicável e replicado

para as instâncias universitárias, continua necessária a luta pelo respeito à autonomia da universidade. Relembrando que a autonomia é inseparável da exigência da democracia interna na universidade, essas são lacunas que ainda não superamos.

Mesmo diante do autoritarismo, da violência, da destruição da universidade e da esfera pública, o que desejamos enquanto Uenp? *Quo vadis*, Uenp?

Sua presença na assembleia de fundação da seção sindical docente da Uenp, marcada para às 17h do dia 24 de abril, no Auditório PDE (campus de Jacarezinho), é fundamental para darmos, juntos, esse passo importante na organização da categoria docente para a luta pela universidade que almejamos: pública, gratuita, autônoma e de qualidade socialmente referenciada.